Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

Macaqueiro

Ano XIV | Nº 68 | Nov/Dez de 2014 | Tefé (AM) | Brasil | ISSN 2317-4587

Elas na pesca

Mulheres se destacam na pesca, atividade predominantemente marcada pela participação masculina

Eunice Venturi

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Nesta edição

Fato
Instituto Mamirauá realiza plantio de mudas
03

Produzimos
Conheça as novas publicações do Instituto Mamirauá
04

Manejo
Compartilhando conhecimentos sobre sistemas agroflorestais
05

Projeto
Instituto Mamirauá instala sistema de captação de energia que acompanha a trajetória do sol
06

Reportagem especial
Elas na pesca
08

A palavra é...
Peixes
13

Aconteceu
Confira alguns dos nossos destaques
14

Retrato
A fotografia que ilustra esta edição é de um morador da Reserva Amanã em busca de açaí
15

Eunice Venturi

Chegada a época de manejo do pirarucu, os grupos se aliam para o desenvolvimento da atividade, importante na complementação da renda.

EXPEDIENTE

Expediente – O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, organização social e unidade de pesquisa fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Distribuição gratuita. Jornalista responsável: Eunice Venturi (SC01964-JP). Edição: Eunice Venturi. Textos: Amanda Lelis, Eunice Venturi e Vanessa Eyng. Revisão: Danielle Bambace. Projeto Gráfico: W5. Impressão: Gráfica Ampla. Tiragem: 1.200 exemplares. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584. Cx. Postal: 38 - Bairro: Fonte Boa - CEP: 69553-225. Tefé (AM) / Tel.+55 (97) 3343-9780 - ascom@mamiraua.org.br - www.mamiraua.org.br

Instituto Mamirauá realiza plantio de mudas

Por Vanessa Eyng

Durante o mês de outubro, 1.200 mudas foram plantadas em áreas das Reservas Mamirauá e Amanã pelo Grupo de Pesquisa em Ecologia Florestal do Instituto Mamirauá. O plantio ocorreu em três diferentes ambientes: uma área de pastagem, uma de capoeira e outra de mata madura não perturbada. O objetivo é levantar informações sobre o potencial de determinadas espécies nativas para o enriquecimento de áreas que já sofreram algum tipo de exploração em florestas de várzea. "Hoje, quase todo o conhecimento publicado sobre regeneração de florestas na Amazônia Central é na terra firme. A gente não tem informações suficientes sobre a várzea. Por isso, estamos tentando preencher essa lacuna", conta Nathália Monalisa Francisco, pesquisadora do Instituto Mamirauá.

Logo após o plantio, a altura e o diâmetro de cada muda são medidos, e a sobrevivência e o crescimento serão acompanhados até outubro de 2015. Esse trabalho em campo varia bastante conforme a estação do ano. Na seca, o monitoramento do desempenho das mudas e das condições ambientais será mensal. "Mediremos a incidência de luz, a temperatura, a umidade do ar e eventos de queda de serapilheira – nome dado ao estoque de matéria orgânica morta que cai e se acumula no chão da floresta. Eu espero que tenha alguma variação significativa dessas condições entre os ambientes, sobretudo na incidência de luz, e que esse seja um dos fatores que mais afete as plantas em seu crescimento", mostra Monalisa.

Cinco espécies foram plantadas: acapurana (*Campsiandra comosa*), muiratinga (*Maquira coriacea*); copaíba (*Copaifera sp.*), matá-matá (*Eschweilera albiflora*), virola (*Virola surinamensis*). As mudas de copaíba são de matas nativas e as demais foram germinadas na Casa de Vegetação, na sede do Instituto Mamirauá. "As pesquisas de germinação e de recomposição florestal andam juntas e os dados que levantarmos em campo podem subsidiar ações de manejo, fornecendo informações sobre a ecologia básica das espécies e sobre a regeneração de florestas de várzea", conclui Monalisa.

Eunice Venturi

A maior parte das mudas foi germinada na Casa de Vegetação do Instituto Mamirauá.

Estas ações fazem parte do projeto "Participação e Sustentabilidade: o Uso Adequado da Biodiversidade e a Redução das Emissões de Carbono nas Florestas da Amazônia Central" – BioREC – desenvolvido pelo Instituto Mamirauá com financiamento do Fundo Amazônia.

Confira as últimas produções científicas e técnicas do Instituto Mamirauá

Edição de Eunice Venturi

Ariranhas

Um estudo produzido pelo Grupo de Pesquisa em Mamíferos Aquáticos Amazônicos do Instituto Mamirauá foi aceito este ano na versão on-line do *Latin American Journal of Aquatic Mammals*. O artigo relata a devolução de um filhote de ariranha mantido temporariamente por moradores da Reserva Amanã. O espécime foi entregue aos pesquisadores do Instituto Mamirauá com o objetivo de devolvê-lo ao ambiente natural. O filhote foi identificado como um macho, pesando 4 quilos e medindo 1,14m. Com base no comprimento do corpo, peso, e sinais de desenvolvimento (capazes de ingerir alimentos sólidos, natação e caminhada), a idade do filhote foi estimada entre 3 e 4 meses. O animal, quando solto no ambiente natural, foi monitorado durante três dias. Posteriormente, o monitoramento passou a ser mensal.

Boletim do Desembarque Pesqueiro

Com o objetivo de divulgar os dados do monitoramento do desembarque pesqueiro na região do Médio Solimões, o Instituto Mamirauá publica duas vezes por ano o Boletim do Desembarque Pesqueiro. Em sua nona edição, o boletim apresenta as informações sobre o volume total de peixes desembarcados; a produção mensal; a produção das principais espécies e o seu preço de venda; as principais áreas de origem do peixe, e a produção por tipo de embarcação que desembarcou no Entreposto Pesqueiro de Tefé, monitorado pelo Instituto Mamirauá desde 1991. Também apresenta informações da produção das espécies desembarcadas no Frigorífico Frigopeixe e a sua origem, assim como da produção oriunda do Acordo de Pesca do Complexo de lagos do setor Capivara.

Everson Tavares

Estratégias de Subsistência

"Modos de interação com o ambiente e estratégias de subsistência dos moradores da Várzea do Rio Japurá (AM)" é o nome do artigo publicado recentemente pelo Grupo de Pesquisa Territorialidades, Identidades e Gestão Ambiental em Áreas Protegidas do Instituto Mamirauá. Segundo as autoras, Edna Alencar, Isabel Soares de Sousa e Ana Cláudia Torres o artigo analisa o modo como os moradores da comunidade Porto Alegre, no baixo Rio Japurá (AM), interagem com o ambiente e as estratégias adotadas para lidar com as variações sazonais. O habitar na várzea é orientado por um sistema de conhecimentos que lhes permitem explorar a diversidade de oportunidades, realizando ações de interação, comunalidade e reciprocidade com diferentes seres. Observar o comportamento de animais e plantas, e o movimento das águas dos rios, ajuda a tomar decisões e prevenir perdas geradas por eventos ambientais que destroem roças, danificam casas e imprimem um ritmo de vida marcado por recomeços.

Para conhecer estas publicações, acesse a área de "Publicações" do site do Instituto Mamirauá em www.mamiraua.org.br/publicacoes.

Boa leitura!

Compartilhando conhecimentos sobre sistemas agroflorestais

Por Vanessa Eyng

A agricultura é uma atividade recorrente na Amazônia. A troca de experiência entre agricultores, experimentando e compartilhando conhecimentos tradicionais, aponta para interessantes práticas de manejo. Com esse intuito, aconteceu de 14 a 16 de novembro a Oficina de Multiplicadores de Conhecimentos em sistemas agroflorestais (SAF).

Promovida pelo Instituto Mamirauá, a oficina reuniu agricultores e técnicos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Piagaçu-Purus. "Na oficina foi criado um espaço rico para troca de experiência e construção de saberes com técnicas diferenciadas de manejo agroflorestal", conta Samis Vieira, técnico do Instituto Mamirauá.

No primeiro dia, o grupo discutiu conceitos importantes: "O SAF se baseia em princípios de uso sustentável do solo, diversificação produtiva e colheita ao longo do ano, mas não existe uma receita pronta, mas sim princípios que guiam o trabalho", afirma Samis. Depois, planejaram o plantio de uma horta agroflorestal. Dois tipos de canteiro foram construídos: leiras e núcleos redondos. Para adubação, foram usados recursos disponíveis, como caroços de açaí, cinza e resto de folhas.

Antes do plantio o grupo conversou sobre suas práticas, compartilhando diferentes experiências. As sementes utilizadas foram trazidas pelos agricultores da Reserva Amanã, o que ajudou a fortalecer uma rede de troca e estimular o uso de técnicas de armazenagem e conservação de sementes nativas.

Nos canteiros, bananeiras cortadas ao meio formaram um contorno para as mudas e sementes, mantendo a umidade e proporcionando adubação contínua. O resultado foi uma horta farta: coentro, cebolinha, chicória, maxixe, jerimum, taioba, batata doce, plantas medicinais, melancia, abacaxi e, claro, mandioca. "Quando criamos estes momentos, fortalecemos práticas de manejo. Mediamos estas ações, mas os atores principais são os agricultores", concluiu Samis.

Estas ações fazem parte do projeto "Participação e Sustentabilidade: o Uso Adequado da Biodiversidade e a Redução das Emissões de Carbono nas Florestas da Amazônia Central" – BioREC – desenvolvido pelo Instituto Mamirauá com financiamento do Fundo Amazônia.

Eimeson Oliveira

A oficina reuniu 25 participantes.

Instituto Mamirauá instala sistema de captação de energia que acompanha a trajetória do sol

Por Amanda Lelis

Em outubro, o Instituto Mamirauá concluiu em sua sede a instalação do primeiro Sistema Fotovoltaico Conectado à Rede com seguimento solar da região norte do Brasil. As duas placas solares possuem módulos alojados em uma estrutura móvel, na qual o ângulo de inclinação e orientação é variável durante o dia, para possibilitar melhor aproveitamento da radiação solar. Esse tipo de sistema é conhecido como Sistema fotovoltaico Conectado à Rede - com seguimento solar, uma vez que possibilita ao gerador fotovoltaico acompanhar a trajetória do sol.

A energia gerada é conectada à concessionária local. São instalados módulos que transformam a corrente elétrica, injetando a energia gerada direto ao consumo do prédio da Biblioteca Henry Walter Bates do Instituto Mamirauá. A energia excedente, quando a geração é superior à demanda do prédio, é direcionada para a rede de sistema local para distribuição na cidade.

A iniciativa é uma pesquisa realizada pelo Instituto Mamirauá, por meio de Grupo de Pesquisa em Inovação Desenvolvimento e Adaptação de Tecnologias Sustentáveis (Gpidats), em parceria com o Grupo de Estudos e Desenvolvimento de Alternativas Energéticas (GEDAE), da Universidade Federal do Pará (UFPA), e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Energias Renováveis e Eficiência Energética da Amazônia (INCT - EREEA).

No estudo, está sendo analisado o desempenho dos dois tipos de sistema, do que segue a trajetória do sol e do que possui orientação fixa dos módulos. O objetivo é avaliar qual o sistema mais adequado como investimento em energia renovável na região. "Esse estudo é importante em vários aspectos que vão desde a formação de pessoas na Região Norte, muito carente de mão de obra qualificada, até o desenvolvimento de estudos da operação da aplicação solar fotovoltaica nas condições ambientais da nossa região, que é diferenciada", afirmou Wilson Negrão Macêdo, professor da UFPA.

"Além disso, estamos introduzindo um sistema de geração de energia renovável em uma rede convencional a diesel", reforçou Wilson. Dados do sistema serão monitorados para

Posição das placas solares às **8h**

Posição das placas solares às **12h**

Posição das placas solares às **18h**

Amanda Lelis

Eunice Venturi

Técnicos do Instituto Mamirauá e da Universidade Federal do Pará durante a instalação do sistema.

avaliar o seu desempenho. Com a instalação de sensores, poderão ser medidos: a energia gerada, a energia que o sistema entrega à rede local, a estimativa de redução de emissão de CO_2 na atmosfera, além de variáveis que estão relacionadas diretamente à geração da energia solar, como a temperatura dos módulos, velocidade e direção do vento, entre outros dados.

Esses valores serão constatados na prática, por meio de medição, e possibilitarão avaliar o desempenho desses sistemas em diversos aspectos como: o desempenho individual de cada equipamento que compõe o Sistema Fotovoltaico Conectado à Rede (SFCR); o desempenho da estratégia de seguimento solar; os fluxos de energia entre rede elétrica convencional e o SFCR e carga do prédio ao qual está conectado, entre outras variantes.

"Uma das contribuições que o sistema traz para o grupo e para a sociedade é que ele vai se transformar em uma vitrine tecnológica, para que essa tecnologia seja replicada, não só na cidade, mas também em outros lugares da região amazônica. Assim como influenciar na criação e implementação de políticas públicas com foco em energias renováveis na Amazônia", reforçou Josivaldo Modesto, coordenador do Núcleo de Inovação e Tecnológicas Sustentáveis (Nits), do Instituto Mamirauá. O Instituto é pioneiro na instalação de sistemas fotovoltaicos. Desde 2001, vem implantando o Sistema de Abastecimento de Água que consiste no bombeamento do recurso natural com uso de energia solar fotovoltaica. Painéis fotovoltaicos são colocados sobre o rio em balsas flutuantes, bombeando a água para um reservatório elevado. O reservatório é conectado a um filtro de areia, para pré-tratamento da água e remoção de sólidos grosseiros. Após a filtração, a água é distribuída por gravidade para a comunidade, com um ponto de fornecimento em cada domicílio. Com esse sistema, o Instituto Mamirauá venceu o Prêmio Finep de Inovação 2012, na categoria Tecnologia Social.

Também inaugurou, em 2014, dois campos de futebol iluminados com energia solar, em parceria com a Philips e o Instituto IDEEAS. O campo tem tamanho aproximado de 1000 m² e baterias que captam a energia solar com autonomia de aproximadamente oito horas. O sistema é constituído de dois módulos fotovoltaicos de 130 volts, uma bateria de 200 A e um controlador de corrente contínua de 12 volts. Durante todo o dia, a energia luminosa do sol é armazenada na bateria e à noite a energia volta para a forma luminosa novamente. O sistema tem um timer interno que está programado para ligar automaticamente, quando escurece. A duração das baterias deve ser de cinco anos.

Elas na pesca

Por Amanda Lelis

Mulheres se destacam na pesca, atividade predominantemente marcada pela participação masculina.

A canoa percorre o lago e se aproxima do flutuante carregada de peixes. Um pescador na proa, outro na popa, se ajeitam para equilibrar o peso dos cerca de 20 pirarucus que deixam a canoa rente à água. No flutuante, já se vê o movimento de aproximadamente 35 mulheres que se preparam para a limpeza e o tratamento do pescado. A cena aconteceu na comunidade São Raimundo do Jarauá, localizada no município de Uarini, na Reserva Mamirauá. Assim como nesse setor, em várias localidades das Reservas Mamirauá e Amanã, as mulheres têm tido destaque na participação das atividades de pesca, tendo um papel importante para a conservação dos recursos pesqueiros, com o envolvimento no manejo do pirarucu.

Com esse cenário, o Instituto Mamirauá iniciou em 2014 um projeto de pesquisa com o objetivo de caracterizar o trabalho e o perfil das mulheres que participam de projetos de manejo de pesca. "Queremos saber o que essas mulheres estão fazendo, como estão participando dessas atividades, se estão associadas às colônias, aos sindicatos de pescadores. Precisamos dar visibilidade a esse trabalho, pois à medida que isso é registrado, elas têm mais facilidades para garantir a aposentadoria, o seguro defeso, e os outros benefícios sociais que o homem já tem como pescador", afirma Isabel Soares de Sousa, pesquisadora do Instituto Mamirauá.

Amanda Leiis

Atualmente são 420 mulheres e 712 homens participando dos projetos de manejo de pesca desenvolvidos na área da Reserva Mamirauá, e 120 mulheres e 324 homens na Reserva Amanã, o que representa um percentual expressivo de participação feminina na atividade nessa região, de 34,26%. Em cinco, dos dez acordos de pesca assessorados pelo Instituto Mamirauá, foi observada a participação feminina em diversas etapas do manejo – o que reforça o papel dessas mulheres como detentoras de conhecimentos sobre o ambiente e a atividade, além de aumentar a força de trabalho dos grupos e contribuir para o aumento da geração de renda das famílias.

A pesca do pirarucu acontece até 30 de novembro e o recurso tem se caracterizado como importante na complementação da renda das comunidades que participam dessa atividade. "Os primeiros passos do manejo foram dados na década de 1990, a partir do que as pesquisas apontaram. Foi estabelecido o período de defeso, que não surtindo efeito, levou à proibição da pesca do pirarucu em 1996 no estado do Amazonas", afirma Ana

Amanda Leiis

Na Comunidade São Raimundo do Jarauá, as mulheres são responsáveis pelo processamento e os homens pela pesca e transporte do peixe.

Cláudia Torres, coordenadora do Programa de Manejo de Pesca do Instituto Mamirauá.

O manejo participativo surgiu como medida compensatória às restrições estabelecidas, com o intuito de promover a conservação dos recursos pesqueiros. O primeiro grupo a pescar pirarucu no estado do Amazonas de forma legal, por meio do manejo, foi o setor Jarauá. Nessa época, eram 42 pessoas envolvidas nas atividades e a cota autorizada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) foi de 120 peixes, equivalente a cerca de três toneladas de pescado.

Após 15 anos de trabalho, em 2013, foram 1.413 pescadores envolvidos no manejo, 31 comunidades das Reservas Mamirauá e Amanã, três colônias de pescadores, e um sindicato, resultando na cota capturada de 7.953 peixes, equivalente a 434 toneladas. "Temos os indicadores que demonstram que a pesca, quando realizada de forma controlada, serve para equilibrar a população de pirarucu, que ainda está em crescimento devido ao potencial que as áreas já possuíam. O crescimento dessa população foi de 427% ao longo desses anos", reforçou Ana Cláudia.

Mulher pescadora

Entre as mulheres do Jarauá estava Elane Carvalho Marques, debruçada sobre o peixe, ajudando na retirada das vísceras. As mãos, protegidas com luvas para não machucar os dedos, botas nos pés e a barriga evidenciando os sete meses de gestação. De acordo com Elane, a pesca faz parte da sua rotina desde a infância. Filha de pescador, iniciou aos 14 anos o trabalho na Associação de Produtores do Se-

tor Jarauá (APSJ), como secretária. O tempo foi passando e atualmente ela faz parte tanto da diretoria da APSJ quanto da coordenação do acordo de pesca, trabalhando como tesoureira.

No ano de 2014, a cota de pesca estabelecida pelo Ibama para o setor foi de 1.136 peixes. Participam do acordo mais de 50 pescadores e é Elane a responsável pela organização das finanças, como pagamento de pessoal e recebimento do recurso proveniente da pesca do pirarucu e também de outros peixes. "Jarauá é uma comunidade pesqueira, vive e sobrevive da pesca. Aqui as mulheres estão envolvidas e são avaliadas também. Trabalham na vigilância, contagem, evisceração. Onde tem uma mulher, o trabalho vai direito", brinca.

Amanda Lelis

No lago, os homens pescam durante todo o dia.

Eunice Venturi

No Acordo de Pesca do Cleto, Reserva Mamirauá, as mulheres ajudam na vigilância da área, pescam e processam o peixe.

"Desde 1999 praticamos o manejo e as mulheres participam dessa atividade desde sempre. Mas, na época, o peixe era distribuído individualmente. Os homens ganhavam mais e as mulheres menos, e lutamos contra isso. Hoje, quando é pra escolher alguém para a diretoria, sempre estão apontando as mulheres. A renda aumentou, com o nosso envolvimento, e a união cresceu dentro do grupo", reforçou Maria Luziliane Lima de Castro, vice-presidente da APSJ.

Para Milce Cordeiro de Carvalho, do Acordo de Pesca do Cleto, não há distinção entre o trabalho da mulher e do homem na pesca. Ela também participa de várias etapas do manejo, da pesca com arpão até o tratamento do peixe. "Tudo que posso fazer, eu faço. Todo mundo tem que colaborar. A gente se uniu e assim ficou mais fácil, a gente vai vencendo a batalha, um ajudando o outro. O serviço do homem é igual o meu trabalho, o que ele sabe fazer, eu também sei", enfatiza Milce.

No setor São José, localizado no município de Maraã, nos limites da

Reserva Amanã, o manejo do pirarucu iniciou há dois anos. Neucilene Rodrigues Gonçalves participa da equipe de manejo desde 2013, quando foi pescada a primeira cota autorizada de pirarucu. "Agora, que a pesca é manejada, todo mundo faz parte. Antes só alguns tiravam o peixe, hoje tudo é feito em grupo, isso melhorou bastante. Eu me sinto feliz de estar aqui participando, é uma grande responsabilidade", afirmou.

Neucilene participa do monitoramento do pescado, etapa em que são recolhidos os dados da pesca, como tamanho e peso do peixe, material utilizado para a captura, data e local da pesca, entre outras informações. Esses dados são vinculados ao número de identificação do lacre atrelado ao peixe. A coleta desses dados é importante para a realização das pesquisas, assim como para garantir ao consumidor a certificação da origem do produto, que pode ser rastreado por meio do sistema on-line mantido pelo Instituto Mamirauá.

O Instituto Mamirauá monitora, por meio do Programa Manejo de Pesca, tanto a captura dos peixes, quanto os estoques. "Monitorando os dados, a gente percebe que tem possibilidade de crescimento da população em muitas áreas. A pesca tem contribuído tanto para regular essa população e quanto para que outros recursos possam ser utilizados, como outras espécies que também compõem essa renda que é proveniente da pesca", reiterou Ana Cláudia.

NA CAPA DO JORNAL *THE NEW YORK TIMES*

No mês de novembro, dois grupos de correspondentes no Brasil de veículos estrangeiros acompanharam o manejo de pirarucu realizado nas Reservas Mamirauá e Amanã: o *The New York Times* e a tevê chinesa CCTV. Veículos nacionais também acompanharam presencialmente a iniciativa para repercutir em seus canais: a revista Horizonte Geográfico e a TV Amazonas. Além dos manejadores, Ana Cláudia Torres, coordenadora do Programa de Manejo de Pesca, e Ruiter Braga, do mesmo programa, foram entrevistados.

Acesse a área de clippings do site para conferir essas notícias em www.mamiraua.org.br/clippings.

Estima-se que o número percentual de mulheres participando da pesca manejada seja de 34,26%.

Amanda Leiis

A palavra é... Peixes

O nome peixes vem do latim piscis e se refere a um grupo de vertebrados aquáticos, com respiração predominantemente branquial e corpo geralmente hidrodinâmico. Estão entre os animais mais antigos que já viveram. Acredita-se que os primeiros peixes tenham surgido no período Devoniano, cerca de 400 milhões de anos atrás. Vivem praticamente em todos os habitats aquáticos do planeta, e apresentam uma grande variação de forma, cores, tamanho e estratégias de vida.

Os peixes representam o grupo mais numeroso e diversificado entre os vertebrados, em torno de 28.400 espécies, um número muito maior do que a soma de todas as espécies de vertebrados terrestres conhecidos. O nosso país é detentor da maior riqueza de espécies de água doce do mundo, quase 3 mil espécies.

Os peixes exercem importante papel nos ecossistemas de várzeas, eles constituem a principal fonte de proteína de origem animal da dieta regional e também geram uma grande parcela de renda para os ribeirinhos. Além da importância econômica, os peixes têm relevante papel ecológico, são os principais dispersores de sementes e são base da dieta de um grande número de predadores no topo da cadeia trófica, como botos, jacarés, aves, e inclusive de alguns carnívoros.

As espécies de peixes de água doce consideradas ameaçadas constituem 5,9 % das espécies de peixes conhecidas em nossa fauna. A exploração pesqueira é uma das maiores ameaças a sobrevivência das espécies, e a proteção das várzeas torna-se importante na manutenção da abundância de peixes. O pirarucu, bem como outras seis espécies, o tambaqui, duas espécies de jaraqui, a piramutaba, a dourada e o jaú estão listados na categoria de sobreexplotadas ou ameaçadas de sobreexplotação. O manejo participativo de pirarucus nas Reservas Mamirauá e Amanã e sua replicação em outras partes da Amazônia tem contribuído na conservação deste recurso no estado do Amazonas, onde a pesca do pirarucu é proibida desde 1996.

Dada a importância dos peixes na vida das comunidades e a ocorrência de conflitos sociais na disputa pelo recurso o Instituto Mamirauá vem dedicando suas pesquisas para a compreensão dos aspectos biológicos das principais espécies de peixes da região do Médio Solimões. Os resultados das pesquisas do Grupo de Pesquisa Ecologia e Biologia de Peixes têm servido como base na tomada de decisões para normas de manejo e conservação de algumas espécies de peixes, além de representarem oportunidades para o desenvolvimento do conhecimento científico acerca dos peixes da Amazônia.

Rafael Forte

> “Os peixes exercem importante papel nos ecossistemas de várzeas, eles constituem a principal fonte de proteína de origem animal da dieta regional e também geram uma grande parcela de renda para os ribeirinhos”

Danielle Pedrociani

Pesquisadora
Líder do Grupo de Pesquisa em Ecologia e Biologia de Peixes

Contagem e captura

Técnicos e pesquisadores do Grupo de Pesquisa Ecologia e Biologia de Peixes do Instituto Mamirauá realizaram atividades de contagem e captura de aruanãs, em outubro, visando o manejo dessa espécie na Reserva Mamirauá. Com lanternas em punho, pescadores experientes dividem-se em canoas, na companhia de pesquisadores munidos de planilhas de registro. Emparelhadas, cada canoa percorre o lago de uma cabeceira a outra, na mesma velocidade, controlada por um aparelho de GPS. A distância entre as canoas delimita o campo de visão de cada pescador, que contará dez metros a sua esquerda e dez metros a sua direita. Os pescadores vão focando os aruanãs e cada peixe de médio ou grande porte visualizado por eles é registrado pelos pesquisadores. Na manhã seguinte à contagem, é realizada a captura dos aruanãs, pelo mesmo grupo e no mesmo lago. Os pescadores, com malhadeiras, vão cercando o lago e capturando os peixes. Uma segunda equipe faz a marcação dos peixes, medindo e identificando o sexo de cada um. Dois dias depois, uma nova captura é realizada, seguindo os mesmos padrões da primeira, para dar mais confiabilidade aos números. Por Vanessa Enyg

Vanessa Eyng

Comunicação Comunitária

Com o tema agricultura familiar, jovens das comunidades ribeirinhas do Médio Solimões tiveram a oportunidade de conhecer e aprender sobre diferentes técnicas e ferramentas de comunicação. Entre os dias 22 e 24 de outubro, o Instituto Mamirauá promoveu o 6º Encontro de Comunicadores Populares. Participaram das atividades 22 jovens de comunidades das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, da Reserva Extrativista Catuá-Ipixuna e Floresta Nacional de Tefé, bem como jovens das escolas do Sistema Público de Educação de Tefé. Segundo Marco Lopes, técnico do Programa de Gestão Comunitária, o principal objetivo do encontro é integrar os comunicadores populares participantes da Rede Ribeirinha de Comunicação Popular, fortalecer a ação dos comunicadores populares nas suas comunidades, além de subsidiar os participantes em técnicas de "educomunicação" e de fazer do evento um instrumento de intercâmbio de conhecimento. Por Amanda Lelis

Aliança pela onça-pintada

De 24 a 28 de outubro, instituições reuniram-se na Reserva Mamirauá para a criação da Aliança para a Conservação da Onça-Pintada na Amazônia. O evento aliou diversos especialistas para a discussão de metodologias e estratégias com foco na conservação da onça-pintada na região. De acordo com Carlos Durigan, da WCS-Brasil, este esforço coletivo iniciado a partir do primeiro encontro da Aliança deverá fortalecer as ações em prol do conhecimento e conservação da onça-pintada. "Considerando a escala da Amazônia e grandes lacunas referentes ao atual estado populacional da espécie, assim como referentes ao entendimento dos conflitos existentes com grupos sociais locais, pretendemos construir uma agenda mais positiva e participativa para solução de potenciais problemas", enfatiza Durigan. Já fazem parte da Aliança para a Conservação da Onça-Pintada na Amazônia: Instituto Mamirauá, *Wildlife Conservation Society* (WCS - Brasil), Centro Estadual de Unidades de Conservação (Ceuc), Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros do Instituto Chico Mendes (Cenap/ICMBIO), Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), Instituto Piagaçu (IPI), Instituto Pró-carnívoros, WWF - Brasil, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Panthera Brasil, Universidade de São Paulo (USP), Escola da Amazônia e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Por Amanda Lelis

Encontro de parteiras

Entre os dias 27 e 31 de outubro, 33 parteiras da região do Médio Solimões participaram do Encontro de Parteiras Tradicionais, realizado em Tefé (AM). O encontro é uma parceria entre o Grupo Curumim, o Instituto Mamirauá e o Governo do Amazonas. Durante os cinco dias de atividades, foram tratados temas como o fortalecimento da identidade dessas mulheres e valorização do ofício, diagnóstico da realidade local, a partir do discurso das parteiras, além de parte teórica, com informações sobre anatomia e fisiologia, pré-natal, parto, pós-parto, complicações do parto e saúde e cuidados com o bebê. As mulheres que participaram do curso receberam um livro didático com informações importantes para o desenvolvimento da atividade, além de um kit com equipamentos de apoio para uso das parteiras. Por Amanda Lelis

Amanda Lelis

No registro de Everson Tavares, a coleta de açaí na Reserva Amanã.

Everson Tavares

Ale Socci

A sincera amizade é aquela que recebe
o amigo com os braços do coração, do respeito,
do amor e da emoção.

Que em **2015** possamos sonhar, conquistar
e encontrar a felicidade na companhia
de grandes amigos.

Boas festas!

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Curta o Instituto Mamirauá nas redes sociais: Instituto.mamiraua @InstMamiraua InstitutoMamiraua